



# Miguel Louro

Mas é preciso gostar muito da fotografia...

É preciso gostar muito disto porque não há condições para desenvolver esta actividade. O Museu da Imagem fez agora o seu primeiro trabalho a sério com o material da Foto Aliança. Isto quando eu já tinha feito há muito, na Fototeca do Museu Nogueira da Silva, uma exposição do Manuel Carneiro. Eu gostaria de pegar nas fotografias dele e, passado cem anos, retratar os mesmos locais. No entanto, não é fácil conseguir apoios. Por exemplo, a publicação que apresento agora é um anexo de um livro maior, que só será publicado com ajuda de um patrocinador. A sua publicação custa entre três a quatro mil contos.

Tem algum tema predilecto?

Não tenho um tema único. Fotografo de tudo, desde os sargaceiros da Apúlia, os episódios rurais ou citadinos do Ano Internacional da Criança, o Mosteiro de Tibães... Nesta mostra vão aparecer algumas fotografias que tirei aos portugueses de Toronto, que fazem parte de um projecto de uma mostra individual. Um pormenor curioso é que tenho muitas imagens de fotógrafos a fotografar outras pessoas. Outro dos projectos é a realização de uma exposição paralela em Portugal e Cuba. Eu mantenho contactos com um fotógrafo cubano e decidimos fazer uma mostra com as nossas visões de Cuba nos anos noventa. Tenho também fotografias de Macau e Hong Kong para um livro.

Isto significa que a mostra não se limita a ser retrospectiva? Aponta alguns dos caminhos que vai seguir?

Este é um marco para poder avançar para outra etapa, já com um conhecimento até à exaustão da técnica fotográfica. Sou amador, mas não há nenhum profissional que imprima tão bem uma fotografia como eu. Quando eu tenho alguma ideia só a apresento depois de já estar concretizada. Eu tirei as fotografias para os projectos que agora apresento, só faltando passar umas noites a imprimi-las.

Como foi a sua formação?

Eu comecei a minha formação juvenil no núcleo de fotografia da Gulbenkian. Ao longo dos anos vai-se aprendendo com os sucessos e fracassos. Neste campo a teoria não chega. A prática é fundamental. Por isso, tentei o estrangeiro, onde mantive contactos com os grandes artistas fotográficos internacionais. Como referências nacionais ao nível da fotografia tenho o João Paulo Soutto Mayor, o Ricardo Fonseca e, em Braga, Manuel Carneiro, Ancelino, Taveira Veloso e José Delgado. Em relação a todo o grupo que desenvolve os Encontros da Imagem não conheço nenhum trabalho de execução.

O que é que distingue uma fotografia artística?

O que conta é a estética. A arte começa na escolha da imagem, do pormenor, no manuseamento que fazemos do material captado. O que eu apanho pode ser modificado em laboratório, de forma a sair uma prova única. É fundamental eu olhar para a foto e gostar. E isso é facilmente verificável: dos milhões de fotos que tirei ao longo de 25 anos de trabalho foram seleccionadas apenas 300.

## Receber os louros

Miguel Louro é médico e fotógrafo. Amanhã, pelas 18h00, inaugura no antigo Tribunal de Braga uma exposição com cerca de 300 fotografias que projectam 25 anos de percurso fotográfico. A acompanhar a mostra é lançado um livro fotobiográfico do artista, que inclui um estudo da autoria de José Machado, assim como cerca de uma centena de testemunhos escritos por personalidades do Norte do país. O livro é ainda enriquecido com um texto de Victor Sá sobre a vida da cidade de Braga. Ao festejar as bodas de prata de actividade artística, o clínico bracarense não se limita a receber os louros pelos trabalhos realizados. Na exposição já é possível encontrar fotografias de projectos que o fotógrafo vai desenvolver. Por seu turno, a publicação é apenas uma parte de uma obra maior que só será editada se aparecer um patrocinador.

Como é que apareceu o gosto pela fotografia?

Eu comecei a fazer fotografia na Escola Calouste Gulbenkian com o pintor Nuno Barreto. Ele, antes de ir para o Porto, transmitiu-me os primeiros ensinamentos de fotografia. Depois da sua saída, aprendi com Francisco de Providência Costa. Eu assisti à primeira reunião da Associação de Fotografia e Cinema de Braga e estive na organização da primeira reunião de fotógrafos estrangeiros no Hotel Turismo, que esteve na base do aparecimento dos Encontros da Imagem.

Como é que conjuga a sua actividade profissional com a fotografia?

Para mim, a vida só tem sentido com uma profissão de que se goste muito, um hobby e um desporto. Eu trabalho de manhã como médico de família, de tarde como médico de trabalho nas fábricas e depois, das seis e meia à meia noite, como médico de algumas pessoas que não me trocam por nenhum outro, num esforço muito intenso. Por outro lado, comecei a dedicar-se à fotografia em 75, antes de entrar para a Universidade. Aí nasceu o "bichinho". Durante a Faculdade, entrei em contacto com o Clube de Fotografia do Porto e comecei a expor a preto e branco. Eu tenho um laboratório em casa e faço todas as etapas da fotografia. As fotos ficam com 30 por 40, encaixilhadas a 50 por 50. Todas elas têm um carimbo à moda antiga em alto relevo. Para além disso, alguns especialistas do ramo dizem que eu tenho aquela que é considerada uma das três melhores colecções de máquinas fotográficas antigas do país.

entrevista e fotos: Luísa Ribeiro

29. Novembro, 2000

**M**CULTURAL

